

Revista Nova

Lisboa, 15 de agosto de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

Carta da aldeia

Meu caro amigo

ESCREVO-LHE para cumprir a minha promessa. E contudo eu devia ter que dizer-lhe: devia bastar para isso fallar-lhe d'esta paisagem em que agora vivo — uma das boas que conheço. Mas ha mais: ha casos psychologicos por cá; ha miserias; ha toda a degenerescencia d'estes homens do campo, biliosos e enfezados, mirrados por excessos de trabalho e má alimentação (até os donos de terras) — com mais doenças, mais phyloxera e mais desgraças de que as vinhas que cultivam.

Ha toda uma maneira nova (?) de vêr a paisagem. Não aquella em que a vegetação é uma coisa para alegrar os olhos do homem — o que é um ponto de vista de touriste falsamente artistico — mas aquella em que cada vinhedo representa a alma das gerações que o cultivaram: com todas as suas esperanças de fructificação, os seus pavores das sécas, os seus desesperos das ceifas prematuras pela fouce inflexivel dos granizos; em que cada carvalho foi um amigo dos que já são mortos e é um amigo dos que vivem — porque lhes deu e lhes dá sombra sobre a terra.

Nada ha dentro d'isto que não tenha a sua significação e que não seja um symbolo do que, no conjuncto, fórma o grande Mysterio da vida.

E apprehendem-se novas relações de coisas. Se no milho falta o penacho erecto das bandeiras, é que ao gado mingoaram os pastos; e ahi temos uma das causas da miseria organica da cidade e do campo. Esta consequencia tragica, na visão superficial da paisagem, ao longe, é apenas indicada por um tom verde mais puro dos milhos aonde falta o branco poeirento das bandeiras.

Fallei do milho e da vinha. Effectivamente é á roda d'elles que circula a vida d'esta gente. E, meu caro, posso assegurar-lhe pelo pouco que tenho visto que é uma vida dura. Pouca terra chá; tão pouca que, para não ter que se ir lavrando pelos montes arriba, faz-se o que se faz

na cidade pela mingoa d'espaco: constróem-se andares. Não ha sitio que, acima do rez-do-chão do atalho, não tenha o primeiro andar da latáda: latadas de arame zincado e postes de granito collocados de ha muitas gerações para muitas gerações ainda. E, se os campos ficam a descoberto, é que a parreira ensombraria os milhos. Estes lá vão crescendo, sachados e regados, altos e esguios, nos terrenos baixos. Mas a vinha! Chega a havê-la — a diagalve — que só os ricos a pôdem cultivar: pois este anno já levou quinze pulverisações de calda. Não ha mal que lhe não venha — «que até parece uma menina da cidade.» Pois, apesar dos males e doenças, a vinha cresce, enfolha, enflóra, fructifica, aloura ou arroxia os cachos — mercê do trabalho do homem e da virtude da terra. Foi toda uma lucta encarnicada e sem trégoas. Cada parra mosqueada d'amarello, ás pequenas manchas, como se o mal cahisse aos pingos, do céu, desapparecia no verde aveludado das vinhas poeirentas da bórda da estrada, no verde lustroso das vinhas das collinas. Effectivamente não chegava a produzir uma ondulação na tonalidade chromatica; mas aquella folha doente, afogada na vitalidade das que a cercavam, symbolisava para *os olhos que sabem ver* uma dôr desesperante e algum punho cerrado, erguido contra o destino.

Mas venceu-se com a ajuda do sol e da chuva: do Fogo e da Ahoa; — e da Chimica: da Sciencia do homem. E as vindimas que hão-de vir serão fartas — como as do anno passado — e é isto mesmo o que mata o lavrador. Chegada a época d'ellas, virão os trabalhadores que ganham doze vintens e quatro quartilhos, de mãos tostadas a remecherem nas videiras onde folhas vermelhas annunciam já a proximidade do grande incendio outomnal — incendio doce e triste em que ha tons ruivos vibrantes e rôxos apagados, absolutamente tristes, ligando os dois poentes identicos em senüido: o poente do Sol e o outomnal poente da vegetação. E o vinho ha-de escorrer dos lagares cheios, branco e rôxo, como o sangue e o leite da terra, em tanta quantidade que, sem mercados sufficientes, para ahi ficará como uma riqueza inutil, presenciando a miseria dos possuidores. Mais vale fazer o vinho de que deixar a uva apodrecer, é claro; mas a vindima que devia ser a pága de todo o trabalho de um anno, de todos os suóres e de todas as afflicções, que devia ser, como um final de combate victorioso, uma glorificação á terra e uma glorificação ao homem — a festa da Fartura conquistada — não será agora senão o luto da decepção.

A culpa não é da terra nem dos homens. A terra cumpre o seu dever tanto quanto a desgraça lh'o permite; o homem trabalha tanto quanto a sua carne exgotada lh'o consente. Mas outros homens ha, na cidade, que não são irmãos d'estes homens. Uns, da vide conhecem o vinho, do trigo conhecem o pão de pataco — que o milho é para as gallinhas; outros escrevem e, para elles, o campo é uma coisa lyrica, capaz de dar boas imagens e o camponio deve viver feliz por se sentir tão pittoresco; outros ha — quasi todos — que ainda não perceberam que o Vegetal, ponto de partida de toda vida, assimilador constante e armazem das forças do Sol, é o Ser de quem todos dependemos. O lavrador é o intermediario entre o vegetal e o homem. Levantado pela sciencia moderna ao grão de *Fons-Vitae* — Fonte da Vida — como um Deus, deve ser unguido pelo lyrismo d'agora ao grão de primeiro Sacerdote da Força, como um Homem.

Chegamos a um momento em que já não podemos contentar-nos com o lyrismo esteril dos antecessores. Temos que arrancar a significa-

ção íntima das coisas. E, para quem a saiba olhar, a paisagem é como um corpo de carnes transparentes onde se vê, através da pelle, escorrer todo o sangue e todas as energias, numa corrente de frémios obscuros.

Uma folha verde, tenha a gracilidade flexível da folha da accácia ou a curva apothéotica da palma, nada vale pelas linhas externas. A sua significação está na sua função; a sua belleza está na sua utilidade. As fórmulas estheticas da Belleza teem que variar como variaram as fórmulas da Moral:—é moral tudo o que auxilia a conservação do individuo ou da especie; é bello tudo o que é util, representando ou favorecendo um acto de bondade. Pela propria definição, a arte não póde ser um fim mas apenas um meio. Quer isto dizer que devemos esmagar as rosas e glorificar o lirio apenas porque elle serve para fazer pós de dentes? Não, porque as flores, como as criticas do sr. Fialho d'Almeida, alegam o homem e ninguem póde calcular ao certo a intensidade util da força productora que se chama Alegria. A obra d'arte pagã estava mais perto da Verdade porque nella se glorificava a Vida e os combates da Força; estava mais longe da Verdade porque nella se abusava do mysterio.

A esphinge de agora já não devóra os que não sabem explicar o enigma. No seu olhar de outro tempo havia a expressão promettedora d'um Illimitado a querer submeter-se ao homem e os seus olhos eram como os olhos imploradores de uma noiva dócil em pleno abril; mas quem, por desgraça, tentasse approximar-se do monstro inviolado, ardia consumido no fogo da sua propria loucura. Agora a esphinge mudou: o que o homem já desvendou no mysterio primitivo é mais do que o sufficiente para occupar a actividade humana; e a esphinge d'olhos promettedores e falsos só interroga quem lh'o consente. Alguns dizem-lhe: «falla, que eu quero sonhar»; mas a maior parte já lhe manda: «calla-te, que eu tenho que viver.» E uns e outros teem razão para fallar como fallam.

E' por isso que eu entendo que o amor da paisagem deve ser como uma religião em que a violação dos mysterios que restam a vem forticar e engrandecer. Um campo tanto póde dar um poema lyrico, como um livro de sociologia, como um drama sagrado; mas a linha puramente esthetica (como ella hoje ainda é entendida por muitos) rígida ou ondulante, serena ou convulsa, mas sempre fria desde que não tenha significação, deve apenas ser conservada como um accessorio. Todos ririamos, com razão, de quem admirasse e amasse a litteratura chinêsa pela extravagante fórma sensível das suas letras, sem sequer lhes perceber o sentido e a utilidade na construcção da phrase: a maior obliquidade d'um traço sobre outro sendo-lhe motivo de gozo, e um ponto collocado num angulo fazendo-lhe saltar as lagrimas dos olhos. E a obra litteraria admirada podia ser perfeitamente o rótulo de uma caixa de chá...

Esta falsa maneira de ver, denotando apenas uma inferioridade intellectual e falta de poder de interpretação, tem sido louvada em muitos artistas—ourives do arabesco é que elles são—por todos aquelles que marcam no calendario o dia em que lhes nasceu um pensamento como um dia de desgraça; e louvada a tal ponto que já havia, em certos, a tendencia para qualificar de *artística* toda a associação de palavras mais ou menos euphonica, sem sentido apreciavel. As palavras valiam como notas ou accordes musicaes. A sua belleza não estava na sua significação nem na sua idoneidade. Proclamava-se a superioridade do ouvido sobre o cerebro—o que talvez se podesse explicar pelo comprimento das orelhas e pela pequenez da caixa craniana d'esses cavalheiros.

*
* *

Nestas coisas, meu caro amigo, julgo que estamos, como em muitas outras, completamente de accordo. Tudo o que existe tem a sua significação propria e a sua significação relativa; vale por si mesmo e pelas suas consequencias.

O acto da criação artistica comprehende e relaciona e é assim que a paisagem em literatura tem que profundar e interpretar as partes do que, no conjuncto, fórma o grande *Mysterio* da vida.

Na pintura o caso é já outro. Desde que o pintor reproduza com fidelidade emocional o que os seus olhos viram, a parte propriamente interpretativa ser-lhe-ha sobreposta pelo espirito dos que olharem o seu quadro; e o seu valor, como o das coisas naturaes, «será nullo ou incalculavel conforme os olhos que o contemplarem.»

*
* *

Hoje á tarde fui passear por uma encosta. Ia a pensar nesta carta que eu tencionava continuar, fallando-lhe ainda da paisagem nossa amiga. Na vereda que eu seguia havia méchas de linho que os espinhos do silvado tinham roubado, á passagem, para felicidade dos ninhos da futura primavera. Casas feitas de meia duzia de pedregulhos e um tecto de colmo, com as suas eiras lageadas e os seus espigueiros vasio como grandes gaiolas de passaros pintadas de vermelho, mostravam, pelo seu encontro frequente, a pequenez das terras que lhes pertenciam. Na serenidade do ar, no céu desmaiado onde havia já como que um ante-gosto de crepusculo, na ondulação macia dos montes em que a distancia esbatia a rigidez dos contornos asperos, eu encontrava a sensação nitida de que se estava operando no meu espirito um trabalho de fecundação de que eu ainda não podia medir o alcance, como ninguem póde calcular o tamanho da arvore que ha-de nascer da semente que se lançou á terra.

E foi assim que o Sol começou a agonisar.

Até ao sitio onde me sentára chegáva o ruido algodoado d'um malho a cahir compassadamente sobre o centeio; e dir-se-hia, pelo rythmo espaçado das pancadas, que se estava ouvindo o proprio pulsar do coração da paisagem moribunda. Pela encosta, na terra resequida, agonisáva uma leira de milho. Cercava-a uma linha de carvalhos sombrios onde videiras claras de enforcado esbracejavam acotevelladas e torcidas, pondo um circulo de saúde verdejante á roda do campo anémico. Foi ahi que uma velhinha suja me fallou da alma dos seus milhos, contando-me como tinha rezado por elles quando a agua que lhes cabia na réga havia principiado a faltar. — E estavam fortes e eram dos mais bastos, mas os ribeiros, como ella, não tinham agoa: e ella tambem já não tinha que chorar. Agora só se cahisse do céu. — Tinha o cabello branco, como se tivesse sido ella que passasse pelo atalho, na loucura das suas esperanças perdidas, e o largasse, ás méchas, nas silvas, para felicidade dos ninhos da futura primavera. E as rugas da sua velhice dolorosa davam a impressão de que envelhecera de olhos postos na injustiça serena do azul, onde lyricas nuvens brancas a vinham de vez em quando apunhalar.

Era longa a historia dos milhos e sentia-se tão unida á propria vida d'aquelle ser, que se percebia que a morte de uns seria a morte do outro e as suas almas deviam ser a mesma alma. Acompanhando as palavras da velha, um carro de bois passava a distancia, num gemido

grave entrecortado de uivos agudos e o malho continuava a bater a pulsação do coração cansado da paisagem.

*
* *

Mas, acima de todas aquellas vozes queixosas, os horizontes longiquos apresentavam a sua serenidade. E, confusamente, sentia-se que elles proclamavam, em silencio, a justiça da vida.

Douro, Julho.

Silvio Rebello.

Os grandes males do Povo

II

UM d'estes dias, na passagem por uma aldeia proximo da minha, surprehendi este tristissimo spectaculo:

A' porta d'um lavradôr, uma reunião de povo alarmado cercava uma mãe desfallecida. Perguntei o que era. Responderam-me que o marido ao regressar do trabalho lhe batera por ella gastar em sardinha o tostão que elle tinha para tabaco.

Este caso pede algumas reflexões.

E' claro que estou escrevendo para gente que fuma.

E', pois, aos quatro ou cinco fumadores que por acaso me lerem depois do almoço, saboreando o seu charuto na postura indolente de quem gosa o seu quinhão de vida, que pergunto:—porquê e para que fumaes?

Se esses quatro ou cinco leitores forem pessoas de tino, evidentemente me responderão encolhendo os hombros e estendendo os beijos, posição que toda a gente comprehende por isto:—não sei.

E' n'isso verdadeiramente que se resume toda a importancia do tabaco: não se saber para que serve.

Quando uma vez me propuz fazer a historia philosophica das coisas inuteis que preocupam a vida do Homem, comecei por estas: o tabaco e as moscas.

Isto não é, de modo algum, para vos ridicularisar. Admitto a illusão, como admitto a estupidez, e não serei eu que me ria por ver esterco nas orelhas do meu visinho, só porque elle as lava apenas uma vez no anno. Recommendo que em taes casos se lhe dê um bocado de sabão e uma toalha e se lhe diga:—lava-te, mas não consinto que se ameace: a culpa não é d'elle. E não consinto isso tanto mais quanto nós somos obrigados a admittir os effeitos de todas as causas.

Quem póde convencer um fanatico da estupidez da sua crença ou dar vista a um cego de nascimento?

Eu estou n'estes casos para com certos fumadores. Posso dizer a qualquer:—evita que outros sigam o teu exemplo, mas não:—és um pulha! Porque estou em frente, não d'um vencido da Natureza nem d'um

perseguido do Destino, mas d'uma victima da extravagancia dos que o precederam.

Todos os erros da nossa vida se explicam pelo medo, pela ignorancia, pela indifferença, pela extravagancia.

O tabaco foi pela extravagancia. E assim como essa extravagancia redundou em fumar, podia redundar n'outra coisa.

Imaginem que amanhã qualquer de nós apparecia trazendo na *boutonnière* um ramo de cardos perfumados com essencia de latrina; estava no seu direito, visto que até hoje ainda nenhuma lei o prohibiu. Mas supponham ainda que se dava o caso de isso fazer moda e que passados oito dias todo o mundo usava o ramo. E' claro que nos primeiros dias as nossas pituitarias faziam um pessimo juizo das nossas cabeças, mas depois, naturalmente, ir-se-hiam familiarisando entre a absorpção lenta e a repulsão tumultuaria, até finalmente verem n'isso uma coisa indispensavel á sua constituição olfactiva. E fosse depois qualquer erguer-se a dizer: — tirem isso que é porco!

Logo o mandavam á... hygiene!

Os senhores acham talvez a hypothese um pouco indecente e de todo o impossivel...

Tambem se ha dois mil annos alguem dissesse a qualquer contemporaneo que um dia os homens teriam grande paixão por certa herva venenosa, d'onde uns extrahiram pó para arrolhar as narinas e outros pequeninos rolos para pendurar nos beiços, pó e rolos que transformados em agentes apenas dariam este effeito: borrar, motivando esta desgraça: arruinar, esse contemporaneo teria respondido tambem que isso era não só indecente e barbaro, mas inda de todo impossivel.

Mas dizem alguns:—o cigarro é para as horas d'ocio. Outros acrescentam:— n'um momento de tristeza um cigarro é a salvação.

Aos primeiros respondo:—quando chegar essa hora, e se não tiverdes o musculo tão fraco como o espirito, ide cortar silva, ou cavar batatas; aos segundos tenho a dizer que para apagar tristezas não ha nada como um bocadinho de fado n'uma banza.

Alguns, porém, insistem: nas luctas do entendimento é preciso muitas vezes um estimulante para a completa percepção das coisas, e para isso não ha como um cigarro.

A esses, que tanta vez tenho encontrado na minha vida de estudante, só aqui, ao ouvido, de modo que ninguem nos ouça, é que posso objectar, para que os circumstantes lhes não vão logo medir o tamanho das orelhas.

Quaesquer que sejam as vossas locubrações sobre a minha resposta, errareis sempre emquanto não admittirdes que sou justo.

E tanto sou justo que ainda ninguem me disse:—eu comecei a fumar porque me fazia bem; o que todos me dizem é isto:—quando não fumo sinto-me mal.

E eu que não sou intelligente, mas que tambem não preciso fumar para comprehender, chego a esta conclusão moral:—eis um vicio que subjuga o rei da criação, a ponto de o torturar cruelmente pela ausencia.

O tabaco, pois, é um mal.

E se isto não é verdade, digam-me todos os fumadores do mundo o bem que elle tem feito na Europa desde o seculo XVI, epoca em que Nicot o introduziu na França.

Li uma vez não sei onde que foram os chinezes que deram o ta-

bacos aos europeus e que estes, para se vingarem, lhes deram em troca o opio.

E' este desforço barbaro que nos mostra o que o tabaco é.

Entré nós, lusitanos, dá-se este facto: uma nação hypothecada aos estrangeiros, fuma (nunca este termo teve melhor emprego) em cada anno dez mil contos de réis, dado que entre nós haja só quinhentos mil fumadores, a vinte mil réis annuaes.

Vejam: o bastante para extinguir a miseria em Portugal.

E ha quem leve a mal os estrangeiros, por nos julgarem um povo de alienados!

Ha dias ri-me a valer d'um sujeito que affirmava não haver d'aqui a cincoenta annos um unico homem de juizo.

Pois estou vendo que fallou sensatamente, o tal amigo.

Sim, porque eu não concebo que um homem de juizo se ande agora ahi a envenenar lentamente, sabendo de mais a mais que se envenena.

Nas cidades é raro vêr-se tísico ou tuberculoso um rapaz que não fume. E, coisa extraordinaria, quando sobrevem uma molestia grave, quasi todas os doentes sentem um horror profundo pelo tabaco.

O tabaco allucina e embriaga.

Não sei se os meus amigos já entraram alguma vez n'uma d'essas tabernas que ha nos suburbios das grandes povoações, junto das fabricas; para onde, ao cahir da noite, correm os alcoolicos a embebedar-se. Eu já entrei e tenho ainda presente este espectaculo d'uma noite: sentados ás mesas engorduradas, operarios cheios de vicios berravam theorias, bebiam alcool e fumavam. Emittiam-se absurdos, diziam-se incoherencias e enlameavam-se reputações. E, pobre gente, todos viam n'um futuro proximo o reino da sua felicidade.

Depois uns iam rolando para o chão e outros ficavam dizendo obscenidades. E o fumo do tabaco, que formara nuvem, envenenava o ar, opprimia a respiração, ennuclava o olhar e estonteava o cerebro. Era uma fornalha de emanações infectas, d'onde eu, que não bebera uma gotta, sahia cambaleando como um ebrio.

Não sei se Lombroso conta o tabaco entre os grandes agentes da criminalidade. Se o não conta, ha uma lacuna a prehencher na sua grande obra. Porque o tabaco é a origem d'uma grande parte dos nossos males. Basta olhar para as aldeias onde se não come para se fumar. D'ahi as doenças e, o que é peor, as pequenas rixas familiares que envenenam a felicidade do lar.

Não conheço nenhum fumador que aos sessenta annos não sinta falta d'ar e não tussa de dentro, arrancando escarros fundos. Estes raras vezes attingem os oitenta annos.

Lembro-me ainda d'um velho que por aqui vinha ás vezes e que dizia ter cento e dois annos. Lia e escrevia em oculos, mas tambem dizia que nunca se embebedara nem fumara.

Um exemplo admiravel para nós, os que chegamos.

Mas quem ha ahi que me escute?

Dos poucos que me lerem um ou dois me julgará sincero; os outros verão em mim um declamadôr de theorias parvas, ou mais um incoherente que vem condemnar o que tacitamente approva...

Perdôo-vos esse pessimismo, que é natural n'estes tempos de prevaricação e egoismo e desfaço o sorriso que já tinha esboçado para vos mandar como equivalencia ao puxão d'orelhas que as leis prohibem...

Mas o tal caso da mulher esbofeteada?

Ah! esse sim que me preocupa e me entristece! Porque vejo ali um marido que commetteu um crime monstruoso e no fundo da minha consciencia tenho que o absolver, porque o reconhecimento irresponsavel.

Se os outros o fizeram assim!

Viu fumar um dia o seu abbade e teve desejos de experimentar, pois que se elle fumava, é porque aquillo era coisa boa; nem d'outro modo se explicaria n'um homem que falava do Céu e da Bemaventurança.

D'outra vez viu fumar o medico e augmentaram ainda essas desejos e agora com mais intensidade: aquillo devia ser muito agradavel e hygienico, porque se assim não fosse, como explical-o n'um medico?

Quando pela primeira vez sahio da aldeia, viu por toda a parte gente que fumava... Emfim, era preciso fumar tambem.

E começou a comprar maços de cigarros todas as vezes que ia á missa, aos domingos. Depois fazia-se figura: enquanto os outros nada diziam e nada faziam, elle, no meio do adro, enchia as bochechas e expolia rolos de fumo.

E' verdade que nos primeiros tempos aquillo era pouco agradavel; chegava mesmo a ser repellente.

Mas depois, naturalmente, sem elle mesmo saber como, principiou a gostar e a sentir certa falta quando não acendia o seu cigarro.

D'ahi em diante nunca mais perguntou se aquillo era bom ou mau, se devia ou não fumar, porque conheceu que era para o seu organismo uma coisa indispensavel, um tributo necessario á existencia.

Fossem lá dar-lhe a escolher entre o cigarro e o pão, que elle não hesitaria um momento em preferir o cigarro.

Para isso nunca lhe faltava dinheiro: viesse elle lá d'onde viesse ou como viesse. Ordinariamente ia ganhal-o ao salario e quando não havia onde ganhal-o, pedia-o, fazia dividas, hypothecava leiras.

Era assim que elle tinha aquelle tostão, ganho na vespera, á espera que findasse a ultima onça.

Era quanto havia em casa. E como se desse o caso de não haver com que fazer o jantar para elle e para os filhos, a pobre mãe correu á gaveta por elle, para comprar sardinha.

E foi por este motivo que uma povoação se amotinou, protestando contra a barbaridade d'um marido.

Pobre gente que assim condemnava um homem sem saber que elle era tambem uma victima; sem se lembrar que aquillo era o resultado d'uma sociedade que julgam muito digna e honesta, só porque anda bem vestida, mas que a final só trata de os enganar, prostituindo-lhes as filhas e occultando-lhe os direitos.

Ah! meus amigos, podesse eu levar estas verdades até ao fundo dos vossos cerebros entorpecidos, que essa indignação não mais se ergueria contra os vossos camaradas, mas contra os vossos carrascos!...

Thomaz da Fonseca.



Preludio

.....

Vou a pensar, junto do Mar que chora,
Que só me traz desdens ou desagrado
Qualquer paixão em que me prenda agora.

Não posso, como os outros, ser amado
E não póde florir na alma de alguém
O meu sonho de amor, irrealizado.

E porquê, não o sei... Mas sinto bem
Que o olhar da mulher é sempre hostil
Ao meu ardente olhar que o não detem.

Cuidei um dia vêr o claro Abril
D'um peito virgem alegrar o meu
Desejo inelutavel e febril.

Bem depressa esta esp'rança feneceu.
Fôra um engano apenas; desde então
A minha antiga Musa emmudeceu.

Ai! do que foi para o meu coração
O mysterio, o prazer, e a amargura
Que nunca mais, eu sei-o, voltarão.

A morena d'ingenua formusura
E que eu imaginava, muita vez,
Nos meus braços nervosos bem segura.

A côr d'ambar da sua pallidez,
E os olhos em que a Vida resplendia
Cheios de força e cheios de altivez.

A prematura e indómita alegria
De a suppôr, para sempre, minha Amada
E não enganadora e fugidia.

E a saudade, nunca socegada,
Quando ella estava ausente e em meu redor
A Terra, o Mar, o Céu — tudo era nada.

Só tive, em premio d'isto, desamor:
Era a minha paixão, alta de mais,
Soberba como o vôo d'um condôr.

Quiz amar n'ella o mundo inteiro, os ais
Dos que vivem na eterna desesp'rança,
Na agonia da fome ou sem ideacs.

Quiz que ella fôsse a bemaventurança
Para mim que a adorava e, junctamente,
Para os outros a voz que se não cansa

De ensinar a bondade — a voz fremente,
Egual á funda e antiga voz do Mar,
Que lhes dissêsse o que hoje se presente:

— Que a Vida fez-se para muito amar
E que a não ser o Amor tudo é mentira
Que deve abandonar-se ou acabar.

E, já que nunca choro nem suspiro,
— Vibrando no triumpho do meu sonho —
Quiz que ella fôsse emfim a minha Lyra!

Mas tive de mudar e já não ponho
Nos vossos peitos, corpos que desejo,
Mais que um desejo futil e risonho.

Sei que não basta para mim o beijo
Das vossas boccas, no delirio são
Da volúpia que ás vezes entrevejo.

Sei que o Amor é Paz e Adoração
E que o não entendeu, como o entendem
Muitos, o meu sequioso coração.

Por isso estes meus olhos já aprendem
A conformar se a vêr amor's e amantes
Cujos labios sensuaes se não desprendem.

A abençoa-os com o olhar que d'antes
Era o olhar em que gritava a ancia
De não poder viver eguaes instantes.

Elles que se amem, sim! Que na distancia
A que me põe o meu isolamento
Eu sonhe os sonhos candidos da Infancia...

Mas uma voz — a voz do soffrimento.
Dos que vivem sem ar e claridade,
Dos que precisam pão e ensinamento,

Dos que precisam paz e f'licidade,
E que a Fome levou ao Mal sem fim,
Sobe no Céu, que a noite negra invade,

E diz, n'um grito que se enlaça a mim
Entre insultantes e banaes apodos:
— Deus que te dá um coração assim

E' p'ra que o dês a todos!

Abril, 1901.

João de Barros.

A PINTURA



RETRATO DO MAESTRO CAGGIANI

Quadro a óleo de

Sobral Fernandes

Augusto Santo

.....
(ESTUDO PSYCHO-ESTHETICO)

III

BRACEJANDO o desequilíbrio mental sob a triplice forma de genio, loucura e crime, e sendo a sua característica actualmente diferenciadora unicamente a modalidade animica, derivamos logicamente na necessidade de nos attermos ao dado psychologico e fundamentalmente a este.

E' claro que a qualquer das tres modalidades de psychose deve corresponder um substractum anatomico, que infelizmente não podemos precisar presentemente; mas não admittir, a par d'um desequilíbrio funcional, uma modificação somatica, seria um não-senso. Simplesmente essa modificação escapa-nos, residindo talvez, como Dantec o crê, no chimismo cellular.

Ainda houve quem se apegasse aos stigmas physicos exteriores. Mas esses, o proprio Lombroso o confessa, são secundarios: falham.

Falharão os physiologicos — no sentido restricto do termo — tambem? Quasi nunca, mas são communs — deficientes por conseguinte.

As ideias de Flechsig alguma luz vieram projectar sobre o mecanismo nervoso — mental consequentemente. Mas, d'ahi á plena claridade, que distancia tamanha a transpôr!

Isto, porém, não acontece em face de symptomas psycho-moraes, que nos permitem uma inducção segura. E, se algumas vezes parece enevoar-se a questão, é isso devido sem duvida aos varios conceptos de genio, loucura e crime.

Em Augusto Santo taes symptomas são bem patentes — o que permite traçar-se-lhe com segureza a nosographia. E digo nosographia, porque o genio é uma enfermidade, uma das peores enfermidades que podem affligir o homem. O homem de genio é um desgraçado, collocado fóra do sentir e do pensar commum, soffrendo da lepra do talento — uma cousa que os homens odeiam; — um ser vivendo impiodosamente relegado da humanidade, que o não ama, que o detesta como a um vento empestado de verdade; é um Gregers Werle, escorraçado dos lodaças da mentira, pela necessidade de viver a todo o transe, seja como fóra, á luz, na treva — contanto que se viva.

E só assim se comprehenderia o grito rebellado de Nietzche, proclamando o Mal como a unica via para o Bem: o Ubermensch como excepção, superior á moral, desligado socialmente dos deveres que para elle não existiriam. E comtudo o genio não é um egotista, como muitos proclamam. O egotismo na sua justa interpetração não é senão o egoismo morbido, um sentimento repugnante, o amor de porco, a qualidade suprema do degenerado inferior, e uma das qualidades syndromaticas d'essa extensa galeria de seres, que Fèré rotulou de «nuisibles.»

O altruismo tem a sua genese no egoismo: é a necessidade da conservação individual que cria a associação, que fermenta a conservação collectiva: o individuo desaparece, pelo menos em parte, para surgir como orgão d'uma sociedade.

Muitas vezes esse sacrificio do individuo é exaggerado, é destrutivo: e o altruismo então emerge, vestindo uma forma egoista. E' o caso do homem de genio. E' o caso, por exemplo, do Infante D. Henrique, sacrificando tudo, familia, mocidade, vidas sem numero — a uma das mais titanicas emprezas que homens tem sonhado e levado a fim.

Proclamar, pois, o genio um egotista, é renunciar a todo o progresso, é mais — é odiar a luz para amar a sombra, é o egotismo social em toda a sua pujança. Porque as multidões tambem são egotistas. E todavia o genio é e será o eterno execrado da mediocridade anonyma e compacta, que se defende com a tenacidade do parasita.

Quantas vezes Augusto Santo se me queixou, com um rictus de tragica amargura, do odio com que o genio é tratado pelas multidões cegas, instinctivamente quietas. Este sentimento — que é como que um sentimento de raça — já na adolescencia o martyrisára; já elle então o quizera concretisar no barro, n'um grupo — *O genio esmagado pela trivialidade*.

Depois esse sentimento amadureceu, evoluiu, tomou o seu aspecto sereno, n'essa figura de rapaz isolado do mundo, porque não vê o mundo — *Ismael*; — e attingindo hoje, por luctas que o artista teve de renhir, a forma aguda da misanthropia, projectado para fóra, para a realidade das cousas, n'uma figura — *O desprezo* — que o esculptor ha-de executar. Elle ainda hoje me falla, com uma raiva surda a chofrar-lhe n'alma, mesclada d'um ingenuo espanto, da mesquinharia que tanta cousa grande sacrifica por um reles punhado de futilidades.

Esse homem, creado para contemplar só o que é bello e grande, não pode comprehender — não pode comprehender, nem supportar — que a banalidade se arraste cócheante e feia, mas triumphante, sobre tudo o que elle ama e vê espesinhado brutalmente. E esse supplicio de todos os instantes constitue uma das mais imperiosas determinantes do seu pessimismo azedo e lugubre.

E' que elle não repara que padece d'essa terrivel molestia, tão cheia d'angustias — ter talento deveras —; e que os outros fruem uma saude alegre, a mais vigorosa das saudes — que é não o ter.

*
* *

Mas um outro factor d'esse conflicto é o artista ser um auto contemplativo.

Quando elle emerge d'esse mundo grandioso, visionado pela sua imaginação escandecida de meridional, para encarar as cousas naturaes, a alma contrahe-se-lhe dolorosa, como se depois de receber a flux uma luz intensa, esbarrasse bruscamente na treva. A desharmonia deflagra, esplunde até, congruentemente.

E' que o genio é um ser collocado fóra da especie, uma força da natureza, cujo impulso a humanidade, instinctivamente c'esejosa da estabilidade, evita a todo o transe.

O genio deve ser avaliado na fecundidade da sua obra e na immensa utilidade que d'ella deriva. D'outro modo o genio seria odioso. O genio é quasi sempre deshumano para um restricto numero de individuos; mas em compensação — e quão largamente! — é humano para a humanidade.

E, no entanto, ha quem veja as cousas por um outro scopo. Ha quem presuma o genio um producto de eliminacão, um ser condemnado a desaparecer, como desaparece o idiota pela esterilidade: ha mesmo quem reclame a sua condemnação, quem a exija como meio de defeza social. São os arautos pseudo-scientistas, á frente dos quaes Nordau, que proclamam a bancarrota da Arte.

E não se lembram estes estragadores da Sciencia — porque defender mal uma causa é compromettel-a — que implicitamente condemnam a propria Sciencia, que estão logicamente pedindo eliminacão para todos os inventores da machina, que poupa o trabalho de milhares d'individuos, porque... porque a machina lhes rouba esse trabalho.

No campo opposto surgem os Brunetière conclamando, inconsequentemente do mesmo modo, a bancarrota da Sciencia.

Dignos uns dos outros.

Porem o investigador imparcial, criterioso, verá sempre na Arte e na Sciencia as duas alçapremas da felicidade humana, embora ambas por vezes tenham de ser descaroaveis. Se uma dignifica no dominio do sentimento, a outra inunda de luz o campo das ideias: uma avança eternamente para a Justiça, a outra para a Verdade.

Leonard de Vinci, o altissimo estheta da «Gioconda», por um singular capricho da natureza, foi um dos maiores sabios do seu tempo: formulou, por um pasmoso tacto de physiologista, uma das leis biologicas que mais tarde haviam de immortalisar Lamarck.

E um dos traços que mais afinidade estabelece entre o genio em Arte e o genio em Sciencia é esse syndroma psychico, a auto contemplatividade.

A autocontemplatividade, todavia, não é uma qualidade exclusiva do genio: existe em todos os seres, onde haja vida psychica, ou melhor — machina pensante.

A genese das ideias tem o *primum movens* no mundo exterior. A autocontemplatividade é essa faculdade de abstrahir, associar e generalisar. Simplesmente estas operaçoens do espirito, quer no dominio puramente mental, quer dos sentimentos, — é fundamentalmente intensa e fecunda no homem de genio.

Tal como a emotividade que caracteriza os neuropathas. E, contudo, emotivas só as cousas.

A autocontemplatividade no dominio das ideias puras produz a lei abstracta, Laplace e Newton; no dominio da Arte, gera o symbolo e Dante; na religião, os prophetas; no mysticismo, o onanismo psychico de S.^{ta} Thereza e dos ascetas; no dominio social, Moysés, Mahomet; no dominio da moral, Platão: a autocontemplatividade é a faculdade creadora, a vis a tergo de toda a evolução perfectiva.

Querem alguns que a autocontemplatividade seja um processus essencialmente subjectivo. Na significação restricta do termo, evidentemente não; porque o sabio que gasta os dias no fundo d'um laboratorio, mergulhando no mysterio das cousas, Fausto arrancando ao segredo das sombras a almejada claridade, alchimista da sonhada pedra philosophal que é a Verdade — é claramente um autocontemplativo.

O autocontemplativo é implicitamente especulativo; não é esse ser embrenhado n'um labyrintho nublado de cousas metaphisicas, não é esse ser psychicamente abstruso, incoherente, amorpho, onde as ideias são blocos erraticos d'um intellecto estilhaçado. Não. Pelo contrario o autocontemplativo é um obsediado quasi sempre.

E assim é que Augusto Santo sendo um autocontemplativo é, ao mesmo tempo, um analysta d'uma penetração excepcional.

Uma linha, um gesto, um movimento bastam-lhe muitas vezes para architetar um temperamento, um character d'uma justeza flagrante — tal como ao paleontologista um dado minimo lhe basta para reconstruir um fossil e uma epoca até.

Manuel Laranjeira.

O poema dos cavadores.

.....

Ouço-os tossir e ouço-os tossir;
Porque andam elles tão de vagar?
Que andem depressa, saibam fugir,
Que a morte espreita p'ra os agarrar.

Coitados d'elles, que estão perdidos;
Almas sem luz, casas sem pão!
— E tem saúde tantos bandidos,
E goza a vida tanto ladrão!

Mulher e filhos, tudo desgraça,
Todos lhe fogem — como andam sós!
— E ninguem grita quando o rei passa
Em nome d'elles que não têm voz!

E ninguem grita contra esse espaço
— Bocas abertas e maldições;
Mulher em casa — que é d'elle, o braço?
Tem cinco filhos — que é dos pulmões?

O' morte negra, vê em quem tocas,
Vê quem salpicas com o teu pó;
Olha: a miseria tem sete boccas!
Olha: o Trabalho, dois braços, só!

Olha quem matas, que fazem feita;
Antes me mates, — quem é que eu sou?
Se a Terra é grande e a arvore é alta
Foi o seu braço que a semeiou.

E é dos seus braços rudes, honestos,
Lançando-a á terra, nutrida em montes,
Que tem a arvore todos os gestos
Nos grandes ramos nodosos, fortes.

Quantas desgraças, crimes, abortos,
— Odios de fome, dor de infelizes...
As arvores mechem, como se os mortos
Inda puxassem pelas raizes!

Quantas vinganças são semeiadas!
O' reis, cautela! quantas vinganças
Dão sua sombra sobre as estradas,
Preparam fôrças e aguçam lanças!

Odios não morrem, a dor não passa,
— Ninguém se esquece de se vingar ;
E quantas arvores são a ameaça
Que estende braços, p'ra vos matar?

O' reis, cautela ! enquanto, lassos
Do Gozo, o sangue vos enche a mão,
Nascem as forcas, — antigos braços
D'homens que nunca tiveram pão !

Nascem as forcas.
Terras da Dor,
Tragicas, negras e fecundadas,
Ao sol regadas pelo suor,
E pelo sangue, sempre, regadas ;

O' grandes montes, ó grande serra
(Crescem as forcas, é negro o ar !)
— Tumores do Odio co'o mal da terra
Ha annos tantos p'ra rebentar !

Sobre vós corre todos os dias
O Pranto humano ; e atraz de vós
Ouve-se um côro das agonias,
E a dor da Vida levanta a voz.

Tudo em vós grita, no vosso meio,
— Sangue de mortos não se perdeu ;
O rio guarda-o dentro do seio
Para uma nuvem que vem do ceo !

E a nuvem desce, vem-no tragar.
— Chuvas de sangue, trovões, vingança,
Eis essa nuvem que vem no ar !

O' morte da mão negra que não cança !

Olhos sem luz, brutos, sem amores
Que olhas as almas, não vês a quem ;
Para que matas os semeadores,
P'ra que os semeias, Morte, tambem ?

Elles, debaixo da terra, vão
Ser a Vingança, a Peste e a Guerra ;
— Que más sementes lanças á terra,
Que forcas nascem só d'um caixão !

* * *

O' cavadores de grossas veias,
Que, todo um dia grande, cavaes
Vinhas com dono, terras alheias,
E trigo loiro só para os mais ;

Vêde que, enquanto morreis á fome,
Nas vossas casas sem luz nem pão,
Ha quem se sirva do vosso nome
P'ra matar homens e ser ladrão !

Nem oliveiras, nem pão amigo !
A Terra é d'outros, para elles só
O Sol dá força, dá seiva ao trigo,
E a Vida beija, fecunda o pó !

Mas o pão sobra, o pão não falta,
- Pois que até chega p'ra dar aos reis!
Estendei o braço, que a mão é alta;
Estendei o braço, que o apanhareis.

Vós tendes fome — e ha pão estragado,
— Semente inutil cahindo ao chão!
Benze-se hostias — mas que peccado!
Até em hostias se estraga pão!

Mas tudo é vosso! O pão faltou-me?
Pois roubo o pão — nem que seja ao ceu;
Nada é dos outros p'ra quem tem fome
Se eu tiver fome, tudo isso é meu.

Ha pão p'ra todos, terra p'ra todos!
— Quem bate ás portas e ao coração?
E' a desgraça, são pobres doudos
A quem os outros negam o pão!

E tossis! Mas como a enxada pesa!
Nem levantal-a, vós podeis já,
— Ella ama a Terra em que está presa,
Nenhuma força a levantará;

E quer ir, antes de vós, p'ra a Terra,
Descer á mina, pois que jamais
Quer ser espada, servir a guerra,
Que forjem n'ella mortes e ais!

Tossis, morreis! Fostes mais que eu
Quando, com vossas enxadas no ar,
Vós parecíeis puxar o ceu
P'ra a Terra, em baixo, se fecundar!

Heroes da Vida, morreis cançados!
Mas arvores, rios, hão de ficar;
— São vossos sonhos fructificados,
São vossas magoas, chegando ao mar.

E é contra o céo que ellas vão seguindo
— As vossas arvores rentes ao chão;
Estão os astrós vendo-as subindo,
Já Deus lhes toca com sua mão.

E vingareis as grandes dôres,
— Pois que são ellas a vossa voz,
Só quando os astros pareçam flôres
D'aquellas arvores postas por vós.

Agosto, 1901.

Nunes Claro.



A cidade de hontem

Alfama

.....

QUANDO, abandonando-se a linha marginal da cidade, situada desde a Ribeira Velha a Santa Apolonia, se corta de subito á esquerda, enfiando por uma das muitas estreitas e irregulares travessas que se prolongam sobre essa linha, um espectáculo inteiramente diverso se offerece aos nossos olhos. Não são já as ruas largas que as obras do porto vieram tornar mais espaçosas; não é já a arteria commercial que dá a Lisboa um aspecto de cidade activa como ella não possui senão quando se encontra em contacto com o rio, d'onde lhe vem a sua importancia actual e a promessa da sua grandeza futura. Os trens, os americanos, e, sobretudo, as carroças deixaram de rodar. O ruido das cargas e descargas nos armazens, o ferro batendo no ferro, os volumes de toda a especie despenhando-se sobre outros volumes congeneres, deixa de subito de nos atroar os ouvidos. Se é de dia, a luz do sol perde aquella violencia que se experimenta na vizinhança dos caes, das alfandegas, das estações e dos depositos, nos espaços desamparados dos predios altos e inexpressivos, que se affastam para os dilatar. D'um lado, o rio, scintillando como um espelho, ou os edificios publicos, pesados e compactos, com a apparencia de grandes armazens regorgitando como celleiros. Do outro, as lojas, os depositos, as officinas, animadas d'uma vida afadigosa, mas que, pela sua uniformidade, se revela monotona. Falla-se pouco, gyra pouca gente nas ruas. Os que passeiam, os que se divertem, vão nos carros que, não quebrando a singular especie de quietação a que me refiro, deslisam com um rumor amortecido nas calhas luzentas dos americanos. Os que trabalham estão dentro de casa; os que negociam chegam e desaparecem; só, aqui e acolá, uma carroça pára, descarrega, e volta á sua tarefa, puxada por um cavallo resignado. De noite, o espectáculo varia. Essa linha de ruas e praças, queimada do sol durante o dia, toma um aspecto negro de carvão. A pobre illuminação da cidade não tem forças para esclarecer todo o ambito onde irradia; os estabelecimentos estão fechados; apenas um ou outro café, uma ou outra taberna, tudo baiucas, espalha das portas abertas angulos de luz que se recortam nos passeios. Além, a vista alcança uma immensidade de treva, e um surdo marulho denuncia ao ouvido o rio que o olhar não distingue. Ahi, tremeluzindo como estrellas, uma, duas, vinte luzes, que parecem perdidas n'um deserto, picam de clarões a escuridão. São barcos, falúas, fragatas, immoveis sobre a onda. A's vezes, quando o silencio é maior, um chameamento de marinheiro atravessa o ar. E' sempre triste, essa voz, que se ouve, sem que se veja quem a profere. O transeunte sente-se aborrecido, contrafeito, e pesa sobre elle tanto a solidão e o silencio que apressa o passo, e foge á sombra que o envolve como, de dia, se alli passou, fugiu do sol, que o queimava.

Então, de dia ou de noite, se tomar por uma d'essas travessas lateraes, de que acima fallei, nas proximidades do Jardim do Tabaco ou ainda antes de lá chegar, o seu espanto, se fôr observador, não se li-



mitará á vaga impressão d'um espectáculo, mas resvalará na fixidez de uma analyse. Da rua ampla e larga, toda ella dizendo cidade, commercio, civilisação, — n'uma palavra, da rua que lhe attestava a capital moderna, ver-se-ha transportado a um meio completamente antagonico e tão dessemelhante do outro, quanto o poderiam estar duas civilisações, duas raças, ou duas épocas historicas. Dir-se-hia que retrogradou, não annos, mas seculos, que foi transportado a uma cidade diversa, e, se fôr um imaginativo, não será para espantar que elle se considere n'um sonho. Tudo variou; mais: tudo parece feito de proposito para offerecer contraste com a cidade que ha pouco deixou. O que, passos atraz, era largo e rasgado, é aqui estreito e apertado; o que, além, era inexpressivo e banal, torna-se aqui pittoresco e curioso. A symetria succedeu a asymetria. Ao espaço succedeu a estreiteza. A linha quebrada triumphou da linha recta; a imaginação substituiu a regra. Ali, as casas eram vastas, pujantes, solidamente *bâties* sobre largos alicerces; aqui, os predios são altos, delgados, frageis, e os andares sobrepujam-se em geral uns aos outros como se procurassem a sua base nos ares. Além, as casas teem frontarias de azulejo barato; aqui, as suas paredes são negras como ruínas, — e como n'umas se adivinham burguezes fazendo a digestão em cadeiras de palha, assim tambem n'estas, sem que se torne necessaria uma grande dóse de imaginação, se idealisam bandidos ou gentis-homens, levantando-se de escabellos da Edade Media para cingirem ao cinto o punhal das embuscadas ou a espada das aventuras. A rua fez-se viella; as janellas são gelosias; os telhados são bicudos; as portas são pouco maiores que seteiras. Recuamos duzentos ou trezentos annos, deixamos de ser contemporaneos do *Diario de Noticias* e do sr. Hintze Ribeiro, despinimos o seculo XX como um casaco demasiadamente largo. Estamos em Alfama.

*
* *

Já de dia o quadro é curioso, com a sua população *grouillante*, as suas regueiras semeiadas de talos de hortaliça e espinhas de carapau, e as suas imprevisas mutações de scena, quando aos beccos onde não cabem mais de duas pessoas succedem praçasinhas que, pelo repentino contraste, nos parecem enormes, e cuja superficie, no seu delineamento, constitue verdadeiras excentricidades geometricas. Mas á noite é que elle assume todo o character, como se as cousas do passado só se déssem bem com a treva. A sombra chama a sombra.

Noites de chuva, noites de luar, noites de vento, noites amenas, noites de inverno, noites de verão, noites de semana, noites de domingo, — cada uma tem o seu aspecto, mais: de cada uma se extrahe uma *phylosophia* propria. E ha ainda o começo da noite, o meiado da noite, a madrugada. Uma é Alfama semeiada de luzes; outra é Alfama em trevas; outra é Alfama livida. A cada uma corresponde a sua população, ou, se é a mesma, a cada momento se transforma, para nos apparecer com uma *physionomia* diversa. A mulher que é, á hora do crepusculo, a cigarreira, a vendedeira, a costureira, é á meia noite a rameira. O homem, que foi o operario, tornou-se, primeiro, o fadista, e acaba por ser o bebado, que regressa ao alvor da manhã á mansarda de que sahiu. A propria luz do gaz, ao anoitecer, brilha; á meia noite, agonisa; ao romper da alva, morre. Milhares de seres estão acantonados n'esse trecho

de cidade desaparecida, e as suas vozes fallam e gritam, primeiro, para successivamente passarem a um murmúrio sinistro, e calarem-se, por fim, como se a aurora as estrangulasse. Dir-se-hia que estamos n'um cemitério, e que os mortos, como os das lendas, teem o privilegio de reviverem uma estranha vida que acaba inexoravelmente ao romper do dia. Nas noites de luar são phantasmas; nas noites negras são larvas.

*
* *

Foi n'este recanto de Lisboa, por tantos motivos interessante para o estudo e para a impressão, que eu e um grupo de rapazes, poetas, artistas, jornalistas, decidimos ha mezes realisar uma ou outra incursão, que se nos affigurou susceptivel de fornecer ao nosso espirito uma colheita de sensações artisticas. Fômos, portanto, a Alfama, uns poucos, não uma, mas duas, tres ou quatro vezes. Vimol-a ao *clair de lune*; vimol-a com as negras pedras escorrendo em chuva e lama; vimol-a deserta; vimol-a atravessada pelo seu povo sombrio e pobre. E de todas essas vezes a minha impressão foi differente, embora se mantivesse predominante a idéa de que, na realidade, me conservára algumas horas n'uma cidade morta.

Sim, Alfama é Lisboa que morreu, e como tal ainda dá uma nota genuina de antiguidade, apesar de se encontrar deshonorada. Deshonorada? Sem duvida, ou manchada, que é talvez o termo mais proprio. Com effeito, o bico Auer invadiu já as tascas d'esse antiquissimo bairro, e nada se póde suppôr de mais irritante, de mais disparatado, do que essa luz de civilisação, a luz dos theatros, a luz dos salões, a luz dos *magasins*, a luz de S. Bento, a luz dos cafés, allumiando as mezas de pinho enodoadas, os bancos sujos, os desvãos sombrios, os fatos immundos, as caras lividas, que formam o *décor* e a physionomia d'esse caracteristico recanto da cidade. E ao bico Auer junta-se a policia, a policia que surge aos cimo de cada becco, parada, immovel, aceiada, ridicula, — n'uma noite, creio que tinha havido qualquer gala, lá a vimos, de luvas brancas, em Alfama! Digam-me se não dava vontade de a pôr fóra aos encontrões, de a mandar para o diabo que a carregue, para a Estrella, — para a Civilisação, n'uma palavra. Estas duas notas discordantes estragam ás vezes tudo, sem já fallar n'um ou n'outro predio á moderna que burguezes idiotas por lá teem edificado. Mas como felizmente não ha ainda um policia para cada rua nem um bico Auer para cada casa, um ou outro sitio indemne de taes calamidades resgata a má impressão dos pontos infeccionados.

Algumas das ruas mais interessantes de Alfama são aquellas em que as Severas authenticas — não confundir com as contrafacções — formaram, desde tempos immemoriaes, os seus arruamentos. São as que teem mais luz, porque das suas lojas, com um taipal de madeira, o chamado *aventil de pau*, rebenta a luz viva d'um candieiro de petroleo, que desenha na parede fronteira, distante um ou dois metros, o maximo, um clarão circular, que esclarece a rua, — como se o amor, mesmo vendido, tivesse sempre o privilegio de illuminar. Com os braços encostados ao taipal, assentada n'uma cadeira baixa, uma mulher, na maior parte dos casos, dorme ou parece dormir. As faces são córadas, em geral, das orelhas pendem arrecadas de oiro, o seio lasso não comprime já o corpete de chita clara, e para o chão, como uma toalha encharcada em sangue, desenrola-se um saióte vermelho. As que não dórmem, fazem meia, ou

cantam com voz grossa um fado que se arrasta como a sua misera existencia :

Quem tiver filhas no mundo,
não zombe das desgraçadas...
Olhae que as mulheres do fado,
tambem já foram honradas.

Quando lá passamos, a primeira vez, ainda despertámos sensação. As cabeças que dormiam ergueram-se, a agulha parou nas malhas, o fado morreu. De janella para janella, ouviu-se um sussurro :

— Isto são da policia...

Da policia?! N'aquelle momento, não comprehendí, mas mais tarde julguei perceber. Sim, estava bem. Eramos de fóra, levavamos ali um vestigio suspeito da civilisação. Eramos de Lisboa, a de hoje, — de que ellas só conhecem o Governo Civil, que as matricula na desgraça, e a Boa Hora, que as pune por essa desgraça. Logo, eramos o Mal, eramos a Policia. Comprehendi, e perdoei, ás desventuradas, na parte que me tocava, a affrontosa designação.

Mas logo alguns começaram a distribuir vintens áquellas desgraçadas que, infelizmente, não teem como a *Severa* do sr. Dantas, sufficientes recursos para fazerem de duquezas de Palmella, no seu bairro. Então, é evidente, deixamos de ser a policia, e passamos a ser um ponto de interrogação, que decerto ainda subsiste e subsistirá, porque não é natural que ellas venham a ler estas linhas. A desconfiança transformou-se, — sentimol-o, — n'uma ingenua gratidão. Apenas uma que não tinhamos visto, e que ficára preterida, resmungou, lá do seu portal :

— *Vão para a mathematica!*

Esta phrase: *Vão para a mathematica*, soubemol-o depois, é vulgar em Alfama. Ao que parece *ir para a mathematica* é ir para a pandega. Applica-se em geral aos que parecem estudantes. O *calão* faz justiça. Isto que vulgarmente se chama estudar, ir para a escola, que diabo vem a ser senão uma pandega? Mas o tom da chalaça é, ás vezes, aggressivo, e, na generalidade, eu não lhe contesto razão. Estudar é fazer um curso, é preparar-se para magistrado, para militar, para homem de governo, isto é, para ser o algoz que sem cessar opprime e defrauda. Então, já não se diz na accepção de *pandega*, nem se acompanha d'um encolher de hombros. E' a troça, em que sempre ruge uma colera. Um dos meus companheiros n'essa noite, o esculptor Costa Motta, sobrinho, já tem, por causa d'essa brincadeira, distribuido aos filhos de Alfama um bodo de soccos a que ainda não correspondeu — ó decepção! — uma só facada.

E eis um exemplo da decadencia a que os velhos praticos de Alfama se referem quando dizem tristemente: *Isto já não é o que era*. Com effeito, pelo pouco que vimos e que comparamos á tradicção recolhida, não é. Já são raros os crimes sensacionaes. O proprio fadista, como classe, desaparece. Póde-se dizer que só encontramos um dos classicos. E' o que Arnaldo Ressano aqui dá, encostado á parede da viella. O actual, em Alfama como no Bairro Alto e na Mouraria, é já um operario. Ainda que trabalhe pouco, trabalha. Já não é aquelle que fazia do fado e da navalha a sua unica profissão. A calça de bocca de sino vae-se, e com ella desaparece uma das mais curiosas especies da população de Lisboa.

Quem faz isto? E' o *pasma*, — o *pasma*, especado ao cimo de



cada rua, direito, immovel, que até dá arrelia, com um apito na algibeira que representa uma nuvem d'outros *pasmas*. O *pasma* é o policia. Ainda n'isto se accentua a decadencia. D'antes o policia era esfaqueado, hoje é achincalhado. Ao homem succedeu o garoto. Antigamente, punham-lhe uma navalha ao pé dos olhos; agora fazem-lhe *pied-de-nez*, ao longe.

Devemos aos *pasmas* altas gentilezas que seria ingratição não consignar n'estas paginas. Mais d'uma vez, abandonando a sua attitude egypcia, nos seguiram pelas ruas tortuosas e pelas escadarias ingremes. Olhavamos para traz: paravam, isto é, tornavam-se os genuinos *pasmas*. Quanto aos seus intuitos, nunca os podemos adivinhar. Queriam proteger-nos contra Alfama, ou queriam proteger Alfama contra nós? Mysterio! E' segredo que talvez nem mesmo elles podessem explicar. Mas o que é innegavel é que alguma cousa de anormal atravessava n'aquellas respeitaveis cabeçorras, ao verem passar a horas mortas esse pequeno

bando de rapazes, agitados e falladores, que investigavam todos os beccos e descortinavam todas as caras, sem que elles encontrassem para o facto um unico caso de posturas ou prelecções applicavel.

*
* *

O aspecto predominante de Alfama, e o mais triste, é o da miseria. Por cem rotos não se encontra um fato em termos. Isso, porém, é ainda o menos. As habitações é que são pessimas. São interessantes porque são velhas, d'uma construcção exotica e phantastica, mas confrangem porque são estreitas e immundas. Nas ruas ha lama, no limiar das portas ha lixo, nos peitoris das janellas ha cêbo. E sobretudo, ha negrura. Os pateos são horribes. Uma população inteira fermenta ali; ouvem-se atravez das fechaduras muitas respirações confundidas e offegantes. As entradas estão atravancadas de barrotes e cacos. Diante d'uma d'ellas, recuou Fernando Reis, tomado d'um invencivel pavor da noite. Perto d'ahi, deparou-se-nos um espectáculo pouco vulgar. Estava uma porta aberta e dentro, n'uma casa relativamente vasta, mas que parecia dever ser a unica, uma candeia agonisava. A' porta, um pequeno dos seus nove ou dez annos, sentado e acordado, como se velasse. Que queria aquillo dizer? Um de nós inclinou-se para dentro. No chão, cinco ou seis vultos, — eram homens, mulheres ou creanças? — estavam estendidos. Attentando na inspecção, o pequeno pôz-se em pé: — *Que querem?* Foi preciso dar-se-lhe algum cobre, para que deixasse vêr. Mas, ao clarrão moribundo, nada se distinguia. Eram vultos, eram dormentes que pareciam mortos. De dentro vinha um cheiro nauseabundo.

Não ha hygiene nas casas nem nos seres. E, comtudo, a mortalidade não é, ao que julgo, o que seria para suppôr. Dir-se-hia que é mais facil vegetar que viver. Alfama vegeta pela mesma razão porque não

arde. Com effeito, um incendio n'aquelle labyrintho deve ser uma destruição completa. Vae-se tudo. Não ha o minimo cuidado, e não ha um fogo. Porque? Porque Alfama deve existir. O destino mysterioso que rege os mundos está-se mostrando-se, n'este caso, um zeloso conservador de museu.

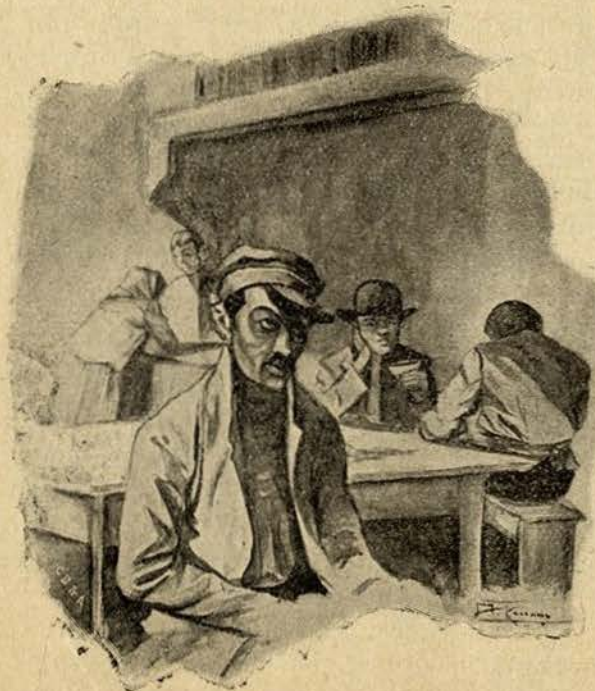
*
* *

Com resignação o digo: Não tivemos uma aventura. Nem a tragedia, nem a comedia quizeram nada connosco. Não ha anedoctas para contar, pelo menos com sabôr. Apenas um de nós, Carlos Olavo, se bem me recordo, fez, uma noite, do alto d'uma cortina de grade, com a altura de tres andares, que deitava para um torcicollo de escadas, uma declaração vehemente de amor a uma cabeça de velha, encaixilhada n'uma janellinha fronteira, do tamanho d'uma moldura, — declaração a que respondeu o mais feroz dos pudores sexagenarios, o qual imprimiu á vidracinha um bater desapiadado de recusa. Outra vez, Martins Figueira, que na pequenez e estreiteza das portas de Alfama se fartou de colligir provas para a sua theoria de que os homens antigos eram de proporções tanto ou mais mesquinhas do que as nossas, representando as velhas armaduras simplesmente um meio vergonhoso de illudir a posteridade, deparou com um latagão barbado, n'uma taberna, e fartou-se de o admirar como um bello exemplar plastico. Era um maritimo, dos que nós estamos ahi sempre a vêr, catraeiro de peito forte e cabelludo, hombros quadrados, pescoço vermelho, pés, mãos e cara sujos. O homem deixou-se examinar com a maior bonhomia, e o Figueira, entusiasmado, já berrava que elle era, com certeza, um arcabouço de homem muito mais bem constituido do que o condestavel Nun'Alvares e até do que o Henriques d'Ourique. Acompanhava o catraeiro um caixeiro qual-quer, *chetif*, de jaquetão e botas engraxadas, que querendo partilhar dos

elogios que eram feitos ao seu companheiro, affirmava, com emphase, que elle era um excellente rapaz e por sois, apesar da differença de posições sociaes, se não envergonhava de andar com elle. Desesperado, o Figueira virou-lhe as costas e depois, já, na rua, explodio com toda a sua rudeza de alemtejanos:

— Vejam o mariola! Como se não fosse uma honra para aquelle trinca-espinnhas andar ao pé d'aquella estampa!

Ainda n'outra occasião tinhamos abancado n'uma taberna, ali para os lados de S. Miguel, que nos pareceu a mais suspeita, apesar do



seu detestavel bico Auer. Uma duzia de bebedeiras enchiam pacatamente a sala. Mas, por fim, um dos bebedos dirigiu-se para nós. Quem o aturou foi Carlos Trilho. Comtudo, se não quizesse, não o teria aturado, porque logo que elle avançou para nós um homenzarrão, cocheiro de americanos ou da *Luzitana*, veio polidamente ter connosco, perguntando-nos se queriamos que o tirasse d'ali. Ah! a decadencia! Até João Felix Pereira entrou em Alfama! Respondemos negativamente ao seu *trop-de-zèle*, e durante meia hora, o bebedo, — rapazola dos seus vinte annos, jogando d'um lado para o outro, como uma casca de noz em occasião de temporal, — instruiu-nos sobre a complicada historia d'um par de calças que se justava á dos seus dissabores de familia. Foi uma ladainha avinhada sem nenhum interesse, até que de repente o nome do pae veio à baila. Chamava-se Gedeão Augusto Amoroso. Gedeão Augusto Amoroso! Soou uma gargalhada que até levou pelos ares o monoculo de Costa Carneiro, e com ella foi-se o rapaz, foi-se a historia e nós encontramos-nos na rua, tendo enfim sabido que era em Alfama, decerto, que o Gervasio Lobato escolhia os nomes dos seus personagens.

*
* *

No dia seguinte a uma d'estas excursões dizia-me um conselheiro Accacio qualquer: «O que é preciso é demolir aquillo.» Demolir?! Antes demolil-o a elle que, como todos os da sua especie, nem já pela barriga se torna caracteristico, visto que as ha, aos milhares, da sua grandeza e da sua qualidade. Alfama, — já o disse acima, — é um museu, e ainda que eu não ouvisse lá um só dos termos do calão do sr. Dantas na *Sevéra*, ou talvez por isso mesmo, merece conservar-se. — O que não quer dizer que não seria util arrebatá-lhe a sua população miseravel para o ar, para a luz e para a Vida.

Mayer Garção.

A Volupia

Tremenda cosa en verdad, es
el abrazo de un hombre
y de una mujer que se
aman.

MANTEGAZZA.

Ella é o ai sentidissimo e profundo
que solta o mar e as rigidas montanhas
n'esse anceio que impelle o eterno mundo,
e agita os corações, nossas entranhas!

E' uma força suave e mysteriosa
que faz gemer os verdes pinheiraes,
desde a areia do mar á linda rosa,
e avassalla no amor os animaes!

E' ella, como o sol, quente e suave,
que penetra o vergel e os arvoredos,
e que faz cantar hymnos de ouro á ave,
e que abranda as entranhas dos penedos !

E' ella, que faz ter as commoções
maiores, nos preludios de outra vida ;
que anda no pollen virgem, nos volcões,
no sangue, na campina resequida !

E' ella, que nos gera a anciedade !
E' ella, que nos torce nos delirios,
e aguilhõa e sustêm a humanidade,
com os olhos nas estrellas dos empiricos !...

Foi ella, que inspirou a antiga lyra
e fez queimar incenso nos altares
da Phenicia, da Grecia, ou em Palmyra
hoje em ruínas tristes, singulares.

O' guerreiros crueis, de olhar em braza,
aguias do ceu, ó corças, gaviões,
poetas do sol, dos uivos, ou da aza,
ella nos faz bater os corações !

Bebe-a n'um raio de sol o cavador
p'ra ter força e cavar o velho chão !
N'uma gottá d'orvalho absorve-a a flor,
por ella, talvez, gera-se o trovão !

Por ella, eu tenho a força dos athletas,
e a audacia dos bravos sem temor,
por ella, — que faz abrir as violetas,
por ella, — a força augusta do amor

que se chama a Volupia, a febre ardente,
que a todo ser, á planta, á fera brava,
em desejos brutaes, omnipotente,
nossa alma da Materia torna escrava !

Dias d'Oliveira.

Gente Limpa

Diz-se para ahí que o povo é *mestre* e quem nunca prestou uma verdadeira attenção ao fallar do povo, á sua vida, aos seus costumes, deve achar irrisória esta affirmacão.

— O povo mestre ? Pois quê ! o que sabe dos livros o povo ?

Comtudo é uma grande verdade. Esse povo que não sabe nada de theorias é mestre na Vida pratica.

Eu, quando o ouço fallar, presto sempre um culto fervoroso á sua conversação porque, já as suas ingenuidades, já o seu bom senso e o seu poder de logica, me attrahem. Considero-o em theorias uma creança intelligente, a quem uma intuição soberana norma o caminho da Vida; e, na pratica, vejo que elle é realmente um mestre, pela sua observação, pela força de synthese, pelo equilibrio dos seus raciocinios.

Para mim, no meu fôro intimo, o Povo é o mestre da Vida.

Senão vejamos:

Quem destrinça como elle, tão sabiamente, no montão dos *fais-divers* quotidianos que são nosso viver diario, — uns nullos, outros valiosos — aquelles que são os uteis?

Sómente elle, e entre a verdade da vista e a ficção da imaginação, lá construe o seu caminho, que poderá não ser lucrativo pela força das circumstancias nem baseado em theses, mas é pratico e efficaz para um viver honesto.

E, no entanto, o que sabe essa gente popular dos livros para tão bem prescrutar no futuro e estudar no passado a realidade do presente?

Ora digam lá ao meu Povo, esse Povo a quem me refiro, que não é o enxertado em prelegas de clubs nem sectarismos de partidos, que vá d'hoje para amanhã fazer uma revolução, elle que é o maior numero do paiz, porque só a revolução estabelecerá o bem-estar! Sim, digam-lhe lá isso, que elle responderá, com todos os prós e os contras, aquillo que lhe convem.

Porque as revoluções só elle as faz.

Vão lá convencel-o com rhetoricas que deve acreditar n'isto ou n'aquillo, quando uma intuição maior juxtaposta ao seu bom senso lhe indicou que uma e outra cousa são mentiras!

Não, meus amigos, é que essa multidão de anonymos que afinal de contas nada tem de tola, não vae com palavreados nem requintes de formas, porque vê muito melhor do que nós, e acima das palavras procura as idéas, acima das formas escogita os motivos principaes. Quero dizer: não sabendo nada de livros, o Povo sabe muito mais do que nós o que é a Verdade. Sem cultivar Artes, Sciencias e Lettras, é um mestre a quem é difficil illudir porque vê bem e raciocina bem. Entretanto, eu julgo que se não fôsse o cultivo que os sabios, os litteratos e os artistas, fazem das suas especialidades, esse povo estaria ainda muito inculto e nós tão distanciados d'elle que a vida da terra pareceria a nosso olhos uma phantasmagoria.

D'onde se prova que nós somos tão precisos ao Povo como o Povo é preciso para nós.

*
* *

Isto já alguém o disse? Já alguém o escreveu?

Não sei. Entendo que tributo uma justiça dizendo-o e é quanto me basta para a satisfação do meu espirito.

A essa massa anonyma de corações e de braços que se estende pela terra fóra, cavando, edificando, trabalhando e amando, isto é, vivendo de perto a Vida da Natureza, apartada de livros e de compendios, é que a nossa Arte precisa dirigir-se.

Porque ella é a propria Vida, afinal, representada em todas as manifestações da força, da belleza, da materia, e sem estas tres qualidades vitaes para adornarem o exterior todo o espirito fica nullo.

E' certo que o espirito só por si, ou, se o quizerem, as manifestações psychicas, — phenomenos psychologicos d'um mundo interior, — tem levado a Humanidade aos grandes commettimentos dos quaes usufruimos hoje um relativo bem-estar; porém, o que seria d'esse espirito na terra se a belleza, a força e a materia o tivessem desacompanhado?

Eis ahí as vantagens do Povo para a Arte, para a Sciencia e para as Lettras.

Nós, temos o nosso papel de arrumadores de factos, de escogitadores de paixões, de investigadores de acontecimentos onde a vida do homem se revela com toda a sua tára vital, e com os olhos applicados, depois, ao papel, e as mãos manietadas á escripta passam-nos, sem que os vejamos mil casos pequenissimos, conductores d'outros casos maiores, emquanto o Povo com os braços presos ao trabalho tem, apezar d'isso, os olhos sempre livres para vêr. D'ahi, nós avantajamo-nos na theoria, mas elle ultrapassa-nos na pratica.

E' curioso até applicar o raciocinio illetrado do Povo ás paginas eruditas dos compendios e ver-se-ha como a nossa sabedoria fica muitas vezes áquem da verdade e por isso se dá o fracasso das successivas escolas philosophicas que, entretanto, desde o *sensualismo* grego ao *spencerianismo* inglez, todas procuraram commungar com o coração popular. E o Povo, querem saber o que faz a essas theorias, cujos resultados lhe chegam aos ouvidos, de longe?

Aproveita de todos ellas o que a pratica sanciona e despreza-as, nas irrerealidades incapazes de se praticarem.

Se eu lhes digo que o Povo é um mestre!

Pois ainda é mais,—é erudito, é um sabio, com aquella casca grossa de aldeões, de trabalhadores, de camponezes, e se nós o apreciamos a maior parte das vezes, mal, é pela divergencia de educações, pela lucta dos preconceitos e dos vícios que dentro de nós existem e se transmittem de geração em geração bem contra nossa vontade.

Querem saber ao certo a que horas nasce o sol, n'um determinado mez?

Vão perguntal-o a um homem do campo que elle vol-o dirá melhor dos que as melhores folhinhas e almanachs.

Querem tet a certeza se, em tal sitio, haverá agua bastante para alimentar um poço e regar um terreno?

O mesmo homem do campo nos illucidará melhor do que o melhor védor, sciente de complicadas theorias.

Querem conhecer, á justa, da qualidade d'uma terra?

Vão inquiril-o tambem d'um experiente cavador, d'aquelle cujo coração bate com a terra a cada enxadada.

Querem ficar avisados do resultado pratico d'uma machina, antes d'ella funcionar?

Um machinista acostumado de longos annos a auscultal-as, a entendel-as, a tratál-as, por assim dizer casado com ellas pelos laços do trabalho, esse machinista mais que nenhum engenheiro vos indicará o que ella vale.

Querem por fim saber se uma obra d'Arte é realmente bella?

Qualquer homem do povo, mas verdadeiramente do povo, sem o enxerto de politicas, e apezar da divergencia de estheticas, vos dirá da sua belleza.

Porque uma obra artistica póde parecer bella sem o ser,—isto é, póde attrahir-nos pelo burilado das linhas, pelo requinte das formas e comtudo não ser bella, porque é perniciosa uma vez que uma imaginação doentia a architectou e a belleza e a força não podem ligar-se á doença porque são, ao contrario, a saude e a vida.

Ah! meus amigos, é que os velhos cartapacios e estes livros sem conta que atulham as nossas estantes e contundem o nosso intellecto, não

são, ia jural-o, tão proveitosos á verdade, como alguns annos da vida popular.

*
* *

Ora foi assim, que outro dia, conversando commigo um homem do povo, d'esses cujo exterior os bons alfayates não vestem e os eximios sapateiros não calçam, mas que nem por isso deixam de ter um bello espirito apto á comprehensão dos factos, me dizia, ao descrever-me uma reunião de escriptores, de artistas, d'intellectuaes, a que assistia como figura secundaria:

—Era tudo gente limpa.

E repetiu o bom homem para melhor se fazer entender, crente, talvez, que a minha imaginação fugisse das exterioridades que elle queria synthetisar á consciencia dos homens:

—Tudo gente limpa.

Eu insisti:

—Limpa? De vestuario?

Elle affirmou que sim, e o meu pensamento n'aquelle instante vôu aos tempos idos da verdadeira poesia nacional em que os cantores saíam da rustica cabana e o Povo sem os considerar de limpos os reclamava, antes, como seus eguaes, e os incitava como os seus authenticos menestreis.

Mas o meu interlocutor quem era? Não sei nem é preciso sabel-o porque os nomes são ainda simples taboletas de reclamos individuaes. Era um homem do Povo e está dito tudo.

Os escriptores, esses artistas a quem elle se referia, tambem não importa conhecel-os pelos seus nomes porque basta affirmar que eram os representantes da Litteratura official, a pseudo-litteratura que tem hoje fama mas não vale nada.

*
* *

Entretanto, a minha duvida subsiste.

Desde quando é que o Povo começaria a tratar de *gente limpa*, os artistas, os poetas, os escriptores?

Seria com os trovadores andejos e andrajosos que, de terra em terra, cantavam a gloria dos seus heroes, os amores das castellãs, as aventuras do amor, todo um ideal ingenuo que os corações enthusiasmava e os ricos-senhores premiavam com as migalhas das lautas mezas?

Não, que esses trovadores, vindos do Povo, se cantavam essas glorias e esses amores era em nome do proprio Povo, n'uma deferencia á força e á riqueza, ao valor das armas e ao sangue herdado,—às castellãs, aos heroes, aos gentis homens, seus protectores, que a aura popular respeitava pela tradição, pelas lendas, pelas victorias, ou pelo seu nome presente ou pelo rastro glorioso de vetustos avós. E os cantores das canções repetidas n'um devaneio, de casal em casal, de estrada em estrada, ao sol, ao vento, á chuva, ao claro luar dos amores, eram, por assim dizer, delegados da vida nacional, pela vocação do berço, ao poder das armas, á galhardia do sentimento, á invencibilidade do braço forte.

E como era bella essa poesia! Sem escripta que a stractificasse, os ouvidos gravavam-n'a e assim um romanceiro alegre, heroico, glorifica-

dor, muito característico, passou longos annos de bocca em bocca, de familia em familia, como preciosa dadiva do coração aos labios simples d'um grande povo.

Em seguida, escreveram-se os versos porque a escripta s'inventou e houve necessidade de escrever dado o apuro do cerebro: mas, ah! taes canções ingenuas, postas na escripta, mudaram de feitio, passando a ter mais methodo, mais ordem, mais pragmatica a que o povo raro se sujeita, d'onde proveio que os cantores se entraram a desviar do povo. Emfim, novos tempos, novas formas de metrificar, e como a responsabilidade da palavra escripta é maior do que a responsabilidade da palavra fallada, os poetas encontraram maior empeno na factura e de cantores vagabundos transmudaram-se em serventuarios dos ricos-homens.

Depois... que é feito d'elles, d'esses trovadores?

Vamos encontral-os nos paços reaes, nas faustosas moradias dos poderosos senhores, feitos seus criados, seus lacaios, seus louvaminheiros, e se até ahi o Povo não os considerava de *gente limpa* porque eram seus irmãos, d'então para cá achou-os seus inferiores, pela falta de liberdade, de amor, de poesia. Tal poesia, porém, assim decahida, fez-se prosa e dos poetas vieram os chronistas, os novellistas, os precursores da Historia que por acaso nasceu com elles deturpada e sabujada para só mais tarde se libertar e fortificar.

Pois seria então, a esses, que o Povo começou a considerar de limpos?

Tambem não, porque os poetas foram bobos, os chronistas foram aulicos, os escriptores foram pagos para beijarem a mão que lhes pagava. Dentro das côrtes, com os seus autos vistosos, as suas farças rissonhas, e as suas falsas chronicas, o Povo já não achava limpeza nem equaldade.

Mas os senhores sabem como o Povo se vingou por seu turno dos ingratos poetas?

Foi desprezando-os, e construindo elle, sem remuneração, sem gloria, sem escolas, uma poesia sua que era a continuação da primitiva poesia nacional, agora entoada á Mulher, em substituição das victorias sangrentas.

E desde então, diz a verdadeira historia, que esse Povo perdeu o rastro dos seus poetas.

D'ahi, até hoje, ainda os não encontrou. Os genuinos poetas populares estão longe de apparecerem porque a época vae de Sciencia e de Estudo e as élites intellectuaes formam-se á parte da vida popular.

Os classicistas, se eram limpos, eram-n'o só de pello: carecas, barrigudos, conselheiros, frequentadores das bibliothecas conventuaes onde havia boa sombra, repouso salutar e velhos alfarrabios; ferrenhos apologistas da Arte grega e latina armazenada nos extensos claustros das Igrejas, a maior lettrada d'esse tempo,—esses classicos não conheceram o Povo. Talvez, até, se virmos bem, o classicismo foi um retrocesso do genio nacional. Baseada em moldes rijos,—que lhe importava o povo saber de moldes para o seu affecto, porque outra cousa não é mais do que uma synthese affectiva a poesia; fechada em cadeias mythologicas, um horror de deuses desconhecidos para um povo monotheista; cingida a um metro crucificador do estro porque era poesia classica,—de certo o *tic* especial dos sentimentos havia de soffrer.

E soffreu, até que vieram os românticos, menos eruditos, mas mais humanos, mais nacionaes, mais vivos, os quaes, de fartas cabelleiras

desgrenhadas, fatos em desalinho, olhos ardentes, almas de fogo, vazaram nas lendas de cada paiz a sua inspiração poetica. Esses foram os doidos sublimes do Sentimento como os classicos haviam sido os carcereiros da Razão.

Da Razão? Sim, porque o raciocinio metrificado soffreu tratos de polé, assim como o Sentimento sem rima nos versos brancos d'alguns romanticos, á laia de prosa, se fez loucura.

Oh! mas como são adoraveis, ainda assim, esses typos loucos do romantismo, redemptores do coração, idolatras do Amor!

Comtudo, nem aos classicos nem aos romanticos o Povo podia considerar limpos, porque a uns não entendia e aos outros achal-os-ia doidos de mais.

Então, quem seriam os limpos?

Os naturalistas, fazendo palpitar a vida com as suas formas brilhantes mas frias? Os symbolistas com a sua musica e os seus symbolos irreaes? Esses decadentes com as suas asneiras?

Não; a nenhum d'esses o Povo poude considerar tambem de *gente limpa*, porque a limpeza dos fatos, sem mais nada, é privilegio d'agora, dos dandys das Letras, ôcos, vazios, mas consagrados, que só se lembram do Povo para a venda dos seus livros e para a frequencia das suas peças. Ora, como ha de o Povo comprar e apreciar Arte se a não percebe, se não tratam d'elle! Imaginam, porventura, que esse Povo não é intelligente nem tem uma bella intuição?

Pois é por isso que o Povo é mestre.

Tômae tento, meus senhores,—ô mestraços da Litteratura official,—que o Povo que desprezaes já não é tolo, e se elle, de facto, pelo seu muito contacto com a vida, representando a propria vida, somente vos conhece por limpos, é que os senhores não são mais do que cabides de palavras. Assim não podem exigir outro epitheto superior ao de *gente limpa*!

E *gente limpa* não quer dizer gente honesta, mas sujeitos que vestem trajos extravagantes e a sua arte consiste n'isso, porque os senhores, coitados! não podem mais.

Fernando Reis.

Os Livros

.....

TRAVAIL por Emile Zola — 1 vol. — Livraria Fasquelle — Paris, 1901.

«Ou a obra d'arte se destina a um povo e á humanidade, ou se destina a uma classe restricta e se torna egoista. Nunca existiram mais que estas duas fórmas d'arte: a arte universal e a arte particular.— **Bernard Lazare.**»

Se no meu espirito restassem duvidas de ser a França a grande patria da revolução e da liberdade, abrindo sempre novos e mais vastos horizontes aos ideaes de emancipação e solidariedade humana, bastar-me-ia attentar no ultimo livro de Emilio Zola, *Travail*, para

d'esse monumento da arte social — isto é, da arte posta ao serviço das mais levantadas concepções do bem commum, — poder tirar convencimento igual ao que fez clamar Pedro Kropotkine fallando da questão Dreyfus: — ha de ser ao canto do gallo gaulez que a humanidade ha de despertar e marchar para a redempção definitiva.

Lançou então o grande sabio e altissimo espirito a prophesia, ferido na visão da mais grandiosa peleja de idéas que os ultimos annos teem offerecido á orientação das almas preñhes de ardente combatividade, aquecida na idealização de melhor futuro.

Em mim, o convencimento da França ser a guia da humanidade para novos tempos de justiça social e perfeição, forma-se na leitura da luminosa obra do mais poderoso escriptor contemporaneo: dos *Rougon* ás Tres Cidades e d'ahi aos Evangelhos, Zola tem teimosamente evoluído depurando a fôrma, seguro de si e da sua arte, illuminando-a de intuitos nobres, tornando-a util e redemptora, despertando emfim as consciencias para a Verdade que sublima e norteia, esclarece e redime. E é vêr do *Germinal* ao *Paris* e d'este ao *Travail*, o analysta frio ir cedendo passo ao propheta esclarecido e entusiasta. Emquanto no *Germinal* a objectivização da vida no jogo dos instinctos e das paixões domina a intenção de revolta e o ensinamento das novas verdades, — então ainda não adquiridas pelo genial artista — no *Paris*, já começa de clarear a aurora das grandes aspirações no despertar d'aquella grande alma do abbade Froment acordando para a vida livre de convenções falsas e limpa de preceitos antagonicos ás determinações da Natureza.

No *Travail*, porém, Zola quiz á saciedade provar ter comprehendido e penetrado a intenção de Bernard Lazare, quando este escreveu: «O essencial para o artista será, segundo meu criterio, fazer vêr no presente o futuro que se prepara, a moral que se transforma, a sociedade de amanhã que se cria.» E conseguiu-o, se é que não excedeu a mais exigente expectativa dos que desejam vêr na arte, uma força social, ajudando á transformação do *meio* na educação dos costumes e no afinamento dos cerebros.

No *Travail* ha o fogo sagrado, divinamente sagrado das nobres aspirações de *bem social* que não deixam transformar-se a obra d'arte em inutil *bibelot* filigranado a custo, destinado a facil esquecimento; é a arte renunciando a revolta, o livro entremostrando o porvir; na accusação da derrocada soffrida pelo viver contemporaneo a affirmação da consciencia humana reclamar novos moldes á vida social; na structurização do futuro o grito de esperança sempre renascida, forte e victoriosa, rompendo audaciosa e reconfortante a atmospherá asphyxiante e negra de eclipse do sentimento, propria aos periodos de gestação ás novas formulas de arte e moral, quando as dôres e anceios collectivos não encontram interpretes ou advogados promptos a traduzirem na efabulação artistica as vibrações sentimentaes d'uma epoca.

Ernesto da Silva.

Continúa



ERRATA

Por descuido de revisão, sae este numero com data de 15 d'Agosto devendo ter a de 15 de Setembro.